



ESTADOS UNIDOS

Israel denuncia "terrível preço do antissemitismo"

Atirador dispara a curta distância contra israelense e a namorada americana, do lado de fora do Museu Judaico de Washington. Netanyahu reage e compara assassino a terroristas do Hamas. Trump alerta que ódio não tem lugar no país

» RODRIGO CRAVEIRO

O israelense Yaron Lischinsky, 30 anos, tinha acabado de comprar a aliança e esperava oficializar o noivado com a namorada, a norte-americana Sarah Milgrim, 26, durante uma viagem a Jerusalém. Os planos do casal de funcionários da Embaixada de Israel em Washington D.C. foram tragicamente interrompidos às 21h de quarta-feira (22h em Brasília). Com uma pistola nas mãos, Elias Rodríguez, 30, morador de Chicago, aproximou-se de um grupo de quatro pessoas, diante do Museu Judaico de Washington, e disparou à curta distância. Yaron e Sarah morreram na hora. Na tarde de ontem, Rodríguez compareceu pela primeira vez diante do juiz. Ele responderá por duas acusações de assassinato, além do crime contra funcionários estrangeiros e posse de arma ilegal. O FBI (a polícia federal dos EUA) informou que o criminoso chegou a Washington na véspera do ataque, a fim de participar de uma conferência de trabalho. O Departamento de Justiça investiga o atentado como crime de ódio e terrorismo.

Por meio de um pronunciamento transmitido em vídeo, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, denunciou o "terrível preço do antissemitismo". "Yaron e Sarah não foram vítimas de um crime aleatório. O terrorista que cruelmente os abateu o fez por uma razão — ele queria matar judeus. Enquanto era levado (pela polícia), ele entoou 'Palestina livre!'. Este é exatamente o mesmo cântico que ouvimos em 7 de outubro. Naquele dia, milhares de terroristas de Gaza entraram em Israel, decapitaram homens, estupraram mulheres, queimaram bebês e massacraram 1.200 inocentes", declarou. "Para esses neonazistas, 'Palestina livre' é apenas uma versão atual de 'Heil Hitler'. Eles não querem um Estado palestino. Eles querem destruir o Estado judeu, querem aniquilar o povo judeu, que tem estado na Terra de Israel por 3.500 anos", acrescentou o premiê.

Netanyahu também acusou os governos da França, do Reino Unido e do Canadá de encorajarem os "assassinos em massa" do grupo terrorista Hamas, depois que os

Alex Wroblewski/AFP



Homem envolto na bandeira israelense com uma cruz e o nome "Jesus" ao centro observa a polícia diante do Museu Judaico de Washington, após crime

Facebook/AFP



Yaron Lischinsky (D) e Sarah Milgrim: tragédia interrompe planos

três países denunciaram os "atos escandalosos" cometidos por Israel em Gaza. "Eles) Querem que Israel se renda e aceite que o exército de assassinos em massa do Hamas sobreviva, se reorganize e repita o massacre uma e outra vez."

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, usou sua plataforma Truth Social para afirmar que "esses assassinatos horríveis, baseados obviamente no antissemitismo, devem

acabar agora!". Segundo o republicano, ódio e radicalismo não têm lugar nos EUA. "Minhas condolências às famílias das vítimas. Tão triste que tais coisas possam acontecer. Deus abençoe a todos!", concluiu. Em conversa por telefone, Trump externou "profundo pesar" a Netanyahu e reafirmou seu compromisso de "erradicar o antissemitismo violento" que "tomou conta" dos campi universitários nos Estados Unidos.

Yoni River Kalin/Instagram



O assassino Elias Rodríguez, 30 anos, é flagrado minutos depois do ataque

O empresário Yoni River Kalin participou do evento no Museu Judaico de Washington, que envolveu jovens profissionais e funcionários diplomáticos e discutia estratégias para levar ajuda humanitária à Faixa de Gaza. "Algumas pessoas que estavam no local trouxeram água (ao assassino). Fizeram com que ele se sentasse. 'Você está bem, levou um tiro, o que aconteceu?' E ele disse: 'Alguém chame a

polícia!'", relatou, ao esclarecer que, até então, não se sabia que ele tinha assassinado o casal. Rodríguez comprou a pistola 9mm em março de 2020, em Illinois. Ao viajar até Washington, chegou a declarar o transporte de uma arma na bagagem de mão.

A gerente de projetos israelense Yana Naftalieva, 27, moradora de Tel Aviv, contou ao **Correio** que estudou com Yaron entre

» Repúdio e pesar dos brasileiros

Em nota divulgada ontem pelo Ministério das Relações Exteriores, o governo brasileiro informou que "repudia, com veemência", o assassinato de dois jovens funcionários da Embaixada de Israel em Washington. "Ao transmitir as condolências aos familiares das vítimas e ao povo israelense, o governo reitera sua firme condenação ao antissemitismo, ao extremismo e a crimes de ódio como o ocorrido na capital norte-americana", afirmou.

2020 e 2021. "Nós cursamos diplomacia na Universidade Reichman. Ele era muito inteligente e prestativo com todos", disse. "Eu o vi pela última vez dois anos atrás. Era um grande amigo e sempre me ajudava nos estudos." Yana soube da morte de Yaron por meio da imprensa. "É de partir o coração, algo devastador. Eles mereciam algo melhor", desabafou. Ela não se surpreendeu quando o amigo se mudou para Washington. "Yaron estava mais do que pronto para essa tarefa."

"Dura realidade"

Em entrevista ao **Correio**, Daniel Zonshine, embaixador de Israel no Brasil, explicou que ontem foi um "dia difícil" para o Ministério das Relações Exteriores israelense. "Ele reflete, entre outras coisas, a dura realidade em que vivemos. Incitação e antissemitismo podem se transformar e levar a ações violentas", advertiu o diplomata. "As pessoas deveriam saber isso e agir de acordo." O embaixador da Palestina, Ibrahim Alzeben, disse à reportagem que condena este "ato terrível contra diplomatas israelenses, assim como o ataque de soldados israelenses contra diplomatas estrangeiros, em Jenin". "A violência gera contraviolência. Não existe solução, a não ser parar a guerra insana contra a Palestina e lançar bases sólidas para uma paz duradoura, justa e coexistente."

Proibição de alunos estrangeiros em Harvard

A guerra travada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, contra uma das mais prestigiadas instituições de ensino do mundo tem novo capítulo. Em carta ao presidente da Universidade de Harvard, Alan Garber, a secretária de Segurança Interna, Kristi Noem, anunciou a "revogação com efeito imediato" da certificação do Programa de Estudantes e Visitantes de Intercâmbio (Sevis), que permite a estrangeiros estudar nos EUA. Com isso, ficam proibidas as matrículas de alunos estrangeiros. Estudantes provenientes de outros países que se encontram matriculados terão que buscar outras universidades.

"Harvard teve muitas chances de fazer o correto. Negou-se. Perdeu a certificação do Sevis como resultado do descumprimento da lei. Que isso sirva de aviso a todas as universidades e instituições acadêmicas do país", publicou Kristi na rede social X.

Segundo a secretária, Harvard fomenta a violência e o antissemitismo e "se alinha com o Partido

Comunista da China em seu campus". Em comunicado enviado à agência de notícias France-Presse, a Universidade de Harvard classificou a ação do governo como "ilegal". "Estamos totalmente comprometidos a manter a capacidade de Harvard de receber nossos estudantes e acadêmicos internacionais, que são procedentes de mais de 140 países e enriquecem a universidade e esta nação de forma incommensurável", afirmou.

A nota adverte que "a ação retaliatória ameaça prejudicar gravemente a comunidade de Harvard e o país, e prejudica a missão acadêmica e de pesquisa da universidade". O número de estudantes estrangeiros em Harvard chega a 6.793, o que representa 27,2% do total. A cada ano, a instituição recebe entre 200 e 300 alunos e acadêmicos brasileiros.

Alex Keyssar, professor de história e de política social da Universidade de Harvard, admitiu ao **Correio** que o veto de matrícula de estudantes estrangeiros se insere na

Joseph Prezioso/AFP



Estudantes caminham em pátio da universidade, em Cambridge

continuação e na escalada da guerra lançada por Trump contra a instituição. "Uma razão pela qual isso se intensificou é que Harvard não recuou nem se rendeu às exigências anteriores feitas à universidade — exigências que significariam abrir mão da independência da

universidade", observou. Para ele, o conflito atual deve ser compreendido também como uma guerra de procuração. "Ao lutar contra Harvard, o governo Trump ataca o ensino superior de forma mais geral, a ciência e o que percebe como sendo o establishment liberal."

Carola Suárez-Orozco, professora da Faculdade de Educação de Harvard, acha que o anúncio do Departamento de Segurança Interna é "profundamente preocupante em vários níveis". "Para Harvard, essa política representa uma ameaça financeira significativa, visto que os estudantes internacionais representam mais de um quarto do nosso corpo discente", explicou ao **Correio**. Ela reconhece que o verdadeiro custo é "muito maior". "A perda de estudantes internacionais representa um profundo déficit humano e intelectual. Isso priva a nossa comunidade da diversidade de perspectivas e da criatividade."

A professora se disse muito preocupada com a forma com que tais políticas possam prejudicar o desenvolvimento acadêmico e pessoal. "Nessa era de crescente exclusão, é fundamental que reconheçamos e protejamos as contribuições dos estudantes internacionais, não apenas para a vitalidade de nossas instituições, mas para o futuro de nossa sociedade." (RC)

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Como professora que trabalha em estreita colaboração com muitos estudantes de pós-graduação talentosos e comprometidos, considero desolador que suas vidas e trajetórias acadêmicas possam ser destruídas, no meio dos estudos, sob pretextos precários. Testemunhei em primeira mão a ansiedade e a angústia que esses estudantes têm enfrentado."

Carola Suárez-Orozco, diretora da Iniciativa de Imigração em Harvard e professora da Faculdade de Educação